



O BÊRÇO da CREIA

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, 5\$0

Semanário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTONIO LINO

DIRETOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.
Impressão: Tip. Minerva — Villa Nova de Famalicão

Aos conservadores

HABITUADOS à política dos partidos, com o rotativismo das suas mutações, os conservadores ainda não se convenceram que a angústia da hora presente gira à volta da questão social. Em busca da solução deste magno problema, o mundo agita-se entre dois polos: comunismo à Staline com o predomínio de uma classe, ou corporativismo, com a conciliação de interesses, numa base de justiça.

Libertos do obsoleto formulário da política parlamentarista, os Estados Modernos actuam impelidos por factores de ordem económica, moral e social.

As situações bamboleantes da democracia, cheias de reticências, malabarismos, hesitações e transigências, quasi sempre fatais, já não se coadunam com a nova mentalidade, trespassada de frêmitos revolucionários.

Nesta viragem de história, oferecem-se duas soluções: a estandardização da vida, a sua materialização, sacrificando os povos em nome do capitalismo do Estado, ou a sua espiritualização, alicerçando-a nos pilares da nossa civilização latina e cristã: a Pátria, a família, a corporação, o trabalho e a fé.

Entre estas duas civilizações que se degladiam, as posições intermediárias desmoronam-se e sucumbem.

E' este o panorama social, que no presente momento se oferece, claro e cru, à meditação dos povos.

*

* *

Que uma rajada de bom senso ilumine os cérebros dos conservadores portugueses. A hora actual não se coaduna com tibiezas e indiferentismos.

A neutralidade é uma cobardia.

A lição de Espanha, expressiva e categórica, demonstra à saciedade que a vitória do esquerdismo proveio da pusilanimidade dos conservadores.

Os números são implacáveis: eleitores recenseados, treze milhões e meio; votantes das direitas, cinco milhões; votantes das esquerdas, quatro milhões; eleitores que ficaram em casa, quatro milhões.

«Foi este quadro negro que deu a vitória às esquerdas e ao mundo inteiro a impressão de que a Espanha se converteu em campo de experiências soviéticas.»

Emquanto o acto eleitoral decorreu, o conservador espreguiçou-se no seu maple; contemplou, fagueiro e risonho o fumo do charuto subir em espiral; alfinetou com a sua crítica imbecil, os governos nacionalistas e suspirou por uma democracia à moda antiga, propensa a um negócio escuro e pingue, mercê do patrocínio dos «pais da pátria».

Hoje, cego e desvairado, lá vai, com as malas aos baldões, a caminho da fronteira.

As ilusões da vida côr de rosa, desfizeram-se, como por encanto...

Os que ficaram, espreitam, transidos de medo, através das vidraças, as turbas, opiadas por falsos mentores, de punhos cerrados, numa sanha destruidora, aos vivas à Rússia, à III Internacional, a Staline e a Largo Caballero.

Como a vossa fuga, e vosso medo, miseros conservadores, infundem asco e desdém!

Que a lição de Espanha, expressiva e eloquente, ilumine e alargue os horizontes dos conservadores portugueses, limitados pela ansia absorvente do lucro.

*

* *

Nesta viragem da história, Portugal tem uma doutrina que é a expressão da raça, e um chefe clarividente que consubstancia as virtudes da greei.

Salvemos, prestando a Salazar o nosso franco e decisivo concurso — a Pátria, a família, a corporação, a fé, o trabalho, em suma, a nossa dignidade de portugueses.

Recortes & Comentários

Queríamos saber

e porque queríamos saber, e queremos saber, é que convidamos o *Noticias de Guimarães* a dizer aos seus leitores, e a nós que seus leitores também somos, que **Redenção** é essa cuja hora «se aproxima».

Não se trata aqui de «mal pecado», nem de «apagador» ou acendedor de velas.

Salvo se... Cala-te boca que iamós a dizer que o anónimo foi apagar as velas que tinha pôsto a arder ao, perdão!, à «Redenção que se aproxima» — e cuja luz pode escalear. E isto dizemos porque o que se impunha era uma

Resposta pronta

clara, leal e sincera. E ao contrário o *Noticias de Guimarães* dá-nos dois *suetos* e um artigo — «A' margem» — gastando 191 linhas de prosa — mimo de correcção, de gentileza, de aprumo, que se tivéssemos espaço transcreveríamos para edificação dos leitores — dizendo que nós sabemos — «*éte sabe, o manhoso!* — o sentido das inofensivas linhas que publicamos... os vários pensamentos em itálico distribuídos por entre os vários assuntos do «*Noticias de Guimarães*».

Vamos arquivar

esses pensamentos em itálico transcrevendo-os do número último — n.º 213 — I de Março de 1936.

1.ª página — 3.ª coluna: — «*Não sois vimearanenses? Dai, a Guimarães, a vossa solidariedade na obra do monumento.*»

2.ª página — 2.ª coluna: — «*Sois leitores do «Noticias»; Acompanhai o com o vosso auxilio até à hora da Redenção que se aproxima.*»

Idem — 5.ª coluna: — «*Concorrer para o Monumento é aquilatar a consciência, elevar a alma e refrigerar o coração.*»

Idem — 6.ª coluna (em normando negro e apenas separado por uma vinheta do artigo «A' margem...»): «*O amor à Terra e à Greei — eis o nosso lema!*»

3.ª página — 5.ª coluna: — «*Simpatizais com o monumento? Ajuda a erguê-lo, monumentalizando o vosso civismo.*»

4.ª página — 5.ª coluna: — «*Vimearanenses! E' chegado a hora de cada um, mostaar o amor que tem à terra que lhe foi bêrço! Pensai no monumento!*»

Idem — ileidem: — «*Sois vimearanenses? Auxiliai, financeiramente, a cruzada do monumento que viu a luz do «Noticias».*»

DA CIDADADE

FESTAS GUALTERIANAS

O sr. A. S. Lima, na sua carta publicada no último número do *Notícias de Guimarães*, provou apenas que só sabe ler, única e exclusivamente.

Na interpretação e compreensão do sentido dos textos, revela acentuada inaptidão.

Dêste vulgarizado mal, a sua carta é um sintoma.

Desfibrems, porém, o conteúdo da sua «epístola» para justificação das nossas asserções.

Todo o arazoado da carta gira à volta desta nossa afirmação, exarada no número 7, dêste semanário: «sessões de fogo, músicas e iluminações, elementos indispensáveis em qualquer festa, não representam, evidentemente, números de cartaz!».

Em refutação destas expressões, afirma o sr. A. S. Lima, que nós negamos «a capital importância que representam como elementos indispensáveis nas pequenas ou grandes festas» os foguetes, as músicas e as iluminações. Lê-se e pasma-se.

Nós não acreditamos que o sr. A. S. Lima tivesse o propósito acintoso de desvirtuar o nosso pensamento.

Filiamos esta deturpação no desconhecimento do significado do termo *indispensável*.

Sé o sr. A. S. Lima compulsasse o dicionário antes de escrever a carta, teria evitado êste desaire que nós somos os primeiros a lamentar.

Lá encontraria — indispensável, o que não se dispensa, o essencial.

Essencial — fundamental, o assunto principal, o assunto mais importante.

Porque afirmar que nós queremos festas sem música, sem iluminações nem foguetes, se reputamos de indispensáveis estes elementos?

«Só o articulista — afirma o sr. A. S. Lima — nega o valor dêstes elementos *indispensáveis*».

Como é que o articulista nega uma coisa que classifica de indispensável?

Ficasse espantado diante de tanta cegueira e ignorância.

Tenha paciência, sr. A. S. Lima, mas aquela expressão — «pobres dos pobres que pobrezinhos são» —, nunca teve tanto cabimento como neste lance da sua «epístola».

Quanto à afirmação — «não representam, evidentemente, números de cartaz, não significa que nos cartazes das Gualterianas não se estampem em altas

(Continua na 4.ª coluna)

VIDA CATOLICA

3.º Domingo da Quaresma

A CURA DO POSSESSO

Evangelho:

Estava Jesus expulsando um demônio, e que era mudo. E depois de ter expulsado o demônio, o mudo falou e as multidões ficaram admiradas. Mas alguns dêles disseram: Ele expulsa os demônios por virtude de Beelzebub, príncipe dos demônios. E outros, para o tentarem pediam-lhe que lhes mostrasse um prodígio do céu. Ele, porém, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes. Todo o reino dividido contra si mesmo será desolado, e cairá casa sobre casa. Se pois Satanás está dividido contra si mesmo, como estará em pé o seu reino? Vós dizeis que por virtude de Beelzebub é que eu lanço fora os demônios. Ora se é por virtude de Beelzebub que eu lanço fora os demônios, nossos filhos por virtude de quem os expulsam? Por isso êles serão os vossos juizes. Mas se eu pelo dedo de Deus lanço fora os demônios, certamente chegou a vós o reino de Deus. Quando um valente armado guarda a sua casa, estão em segurança os bens que possui.

Mas se, sobrevindo outro mais valente do que êle, o vencer, tirá-lhe todas as suas armas, em que confiava, e repartirá os seus depojos. Quem não é comigo, é contra mim; e quem não colhe comigo, desperdiça. Quando o espírito imundo saiu dum homem, anda por lugares secos, buscando repouso; e, não o encontrando, diz: Voltarei para minha casa, donde saí. E quando vem, a encontra varrida e adorna. Então vai e toma consigo outros sete espíritos piores do que êle, e entrando habitam ali. E o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. E aconteceu que enquanto Ele dizia estas palavras, uma mulher, levantando a voz do meio da multidão, disse-lhe: Bemaventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram. Mas Ele disse: Antes bemaventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática.

(S. Lucas, XI, 14-28)

Considerações:

A Igreja Católica, tendo em vista chamar as almas ao cumprimento de dois dos seus preceitos (o 2.º e 3.º mandamentos da Santa Mãe Igreja), oferece hoje à meditação dos seus filhos o milagre por Jesus operado, expulsando o demônio e restituindo ao endemoninhado a fala de que estava privado e a paz que não podia gozar. A maneira do possesso do evangelho, a sociedade nos nossos dias em convulsões horríveis, vai chamando por paz; mas não a encontra senão em Jesus Cristo, que é o príncipe da paz. Ainda no presépio de Belém a soltar os primeiros gemidos por amor dos homens e já os Anjos cantavam — glória a Deus e paz na terra.

Durante a sua vida foi sempre a verdadeira paz; e no dia da Páscoa dá aos homens um presente — presente que só traduz paz — é o sacramento da Penitência. Desmorona-se a sociedade?

E' porque as pedras que constituem êsse edifício vão esboçando, isto é, as consciências vão endurecendo ou recaindo no pecado. Venham todos ao tribunal da Penitência experimentar as alegrias e doçuras que a alma sente ao expulsar do seu coração o demônio e a sua língua se soltará em apoteose a Jesus, príncipe da paz. Só assim as almas viverão; porque se a morte do corpo, é tristeza, a morte da alma é a tristeza das tristezas — e na confissão as almas encontram a vida, que é Jesus Cristo. Praza ao Senhor que a presente quaresma, por meio da Confissão bem feita, restitua à sociedade a paz de Jesus Cristo, de que tam divorciada tem estado.

DESOBRIGA PASCAL

Na Igreja do Carmo, servindo de paroquial da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, realizou-se no p. passado domingo a Comunhão Pascal colectiva da Liga da Acção Católica Feminina de Guimarães, largamente concorrida e em cumprimento das determinações da Junta Nacional da Acção Católica Portuguesa.

J. C. M.

A Juventude Católica de Guimarães convida todos os rapazes católicos desta cidade para a Comunhão colectiva de desobriga, marcada para o Domingo, 22 do corrente, na Igreja Paroquial das Dominicas, às 9 horas da manhã e bem assim a assistir ao tríduo preparatório que nessa mesma Igreja há-de realizar-se, pelas 21 horas dos dias 18, 19 e 20.

FESTAS GUALTERIANAS

parangonas, aqueles sonoros vocábulos — 8 afamadas músicas, deslumbrantes sessões de fogo, profusas iluminações.

Mas convençamo-nos, e o contrário seria ingenuidade, não são estes números, que de per si, constituem motivos de atracção, de forma a transformar a nossa cidade no primeiro dia de Agosto, num «mar de gente».

Estes engodos já não namoram os forasteiros.

Pensemos, à semelhança de muitas localidades, como Braga, na representação de um auto, na organização de cortejos históricos, numa parada agrícola, etc., etc.

Não se preocupem de uma maneira tanto absorvente com as músicas e os foguetes...

As Gualterianas não são nemhuma festa de aldeia...

E afinal o sr. A. S. Lima, «declarou que está plenamente de acôrdo com os alvitres apresentados».

Em resumo, uma carta infeliz.

P.º GASPAR RORIZ

Passou no dia 7 o quarto aniversário da morte do saudável P.º Gaspar Roriz.

Poeta de elevada inspiração, orador de subida plana, jornalista de alto relêvo, P.º Gaspar Roriz foi um dos espíritos mais cintilantes do seu tempo.

Consagrando acrisolado amor a esta terra, por ela lutou com amor e galhardia.

A sua figura, aureolada de beleza moral, deixou rastro que jamais se desvanecerá.

Evoquemos com respeito e sentida religiosidade, a memória do saudável P.º Gaspar Roriz.

Conferência de S. Vicente de Paulo

Conforme noticiamos no nosso n.º anterior é amanhã que se realiza a Comunhão Pascal dos pobres socorridos e membros activos desta Conferência na Capela de S. Crispim.

No final será distribuída uma borra de pão a cada pobre.

J. C. F.

Realiza-se amanhã na Igreja da Misericórdia a Comunhão colectiva da Juventude Católica Feminina desta cidade, filiada ou não naquele organismo cristianizador português.

Tem havido práticas preparatórias, sempre com grande frequência.

As minhas impressões

Analogias do passado e do presente

Entramos agora na quadra do ano, em que a Igreja Católica comemora a paixão e morte do Redentor do mundo. E, ao contemplar aquela cena tam emocionante, profundamente compassiva e dolorosa do pretório de Pilatos, em que o corpo desfigurado de Jesus é exposto á população esvurmante de ódio e raiva, eu penso e medito nos pontos de semelhança da tragédia de há mil novecentos e tantos anos, com os factos que se vão desenrolando no mundo revólto de hoje.

Naquele tempo, o bom Jesus, o doce Rabi da Galileia, porque tanto bem espalhava, atraía a si as multidões famintas de justiça e saciava-as com o alimento fortificante dos seus milagres e com a bebida salutar da sua doutrina sublime.

E quem diria que essas mesmas multidões, que aclamaram Jesus na entrada triunfante em Jerusalém, envenenadas e desorientadas pelos filhos das trevas, haviam, pouco depois, de pedir a condenação do Justo, seu bemfeitor, maltratando-o e arrastando-o pelas ruas, por onde o haviam conduzido em triunfo? E o doce Jesus pedia ao Pai que lhes perdoasse, porque não sabiam o que faziam.

Decorreram os anos e os séculos e o Evangelho irradiou pelo mundo inteiro. Constituíram-se as primeiras nações cristãs e a humanidade principiou a colher os frutos da nova civilização. As cadeias da escravatura quebraram-se e o homem ficou livre e a mulher foi elevada no conceito social. E, apesar de tudo, aqueles que gozam dos benefícios da civilização cristã e que seriam ainda escravos, se não fôra a doutrina de Jesus, continuam a arrastá-lo pelas ruas, incendiando-lhe os templos e perseguindo ferozmente, os seus discípulos.

Ontem, como hoje: Beli-Beth continua aliado dos filhos das trevas.

Cristãos católicos!

E' para vós que eu falo. Se tendes a felicidade de possuir o dom de abrigar dentro do vosso peito um verdadeiro sentimento de fé e amor pela doutrina de Jesus, não vos descuideis. A hora é de vigília e de sacrificio. Lembrai-vos de que Ele repreendeu os seus discípulos no horto de Gethsemani, quando os encontrou a dormir.

E eu parece que O estou ouvindo a repreender-nos pelo nosso sono de comodismo e indiferença, deixando que o inimigo, pela calada, venha semear o joio no meio da boa semente.

ALMEIDA GUIMARÃIS.

ROMA E MOSCOVO

KARL MARX — LENINE

As duas doutrinas que nos propusemos estudar, as duas ideologias que urge dar a conhecer neste vértice da história da humanidade a caminho da hora decisiva da vitória de uma e da derrota da outra, não sem luta tremenda, são para uma — *Roma* — bem fácil de apresentar, para a outra — *Moscovo* — não só de difícil apresentação mas até mesmo não nos parece possível demarcar-lhe com suficiente nitidez os princípios fundamentais que a orientam. Não que não haja fontes, e autorizadas, para nelas colher, digamos assim, os mandamentos, o código em que se fundamenta, propaganda e organiza. A dificuldade está na actualização constante quanto ao tempo e na diversidade quanto aos principais orientadores, e ainda no personalismo da sua actuação.

Emquanto *Roma* se afirma na sucessão directa, secular, única e permanente desde o seu primeiro Chefe — Pedro Apóstolo — *Moscovo* é um com o chefe primeiro — Lenine, e outro com o segundo chefe — Staline.

Certo é que Lenine — Vladimir Ylich Ulianov — desde, pelo menos, Julho de 1903 se afirmou fiel intérprete de Karl Marx. Certo, ainda, como diz Gustavo Gautherot «as obras de Karl Marx foram interpretadas, esclarecidas, completadas e ampliadas por Lenine. Esses dois profetas bolchevistas não constituem senão um só, porque os leninistas e Lenine não cessaram de se proclamar os verdadeiros, os únicos discípulos fieis de Marx». Lenine, porém, no governo ultrapassou em enormissimo grau até as suas próprias concepções ideológicas. Para êle, mais preocupado com o triunfo das ideas do que com os homens não se importaria de sacrificar à vitória da revolução mundial, se fôra necessário, oitenta por cento da população russa. Como disse Máximo Gorki: — «Para Lenine, a Rússia, não era senão um laboratório de experiências, feitas sobre uma escala mundial, planetária.» Durante trinta anos quer na Rússia, quer no estrangeiro, deportado e homiziado, em discursos e livros e artigos de imprensa periódica, foi, inquestionavelmente, o fundador do sistema bolchevista, e, ao fundá-lo, lutou tenazmente.

Marc Vichnae, no seu livro «Lenine», tem estas palavras:

— «Lenine levava uma vida de asceta, cheia de riscos, de privações e de trabalhos. Não tinha existência pessoal e a sua biografia confunde-se com a história do movimento russo, no decurso de trinta anos que vão de 1894 a 1924. Todo o sentimento de humanidade negava-o em princípio e desprezava-o no seu fôro íntimo. Fazia morrer não somente os seus inimigos isolados mas grupos inteiros da população russa.

Matava também quanto possível entre os outros os sentimentos que pareciam opor-se ao seu ideal. O pudor, a compaixão, a devoção foram proclamadas invenções e prejuízos burgueses condenados a uma implacável destruição. E as pessoas tinham vergonha de experimentar o pudor, de se mostrar compassivas e de parecer crer nos grandes princípios dos direitos do homem.»

(Continua)

PATROCINADO PELA UNIÃO NACIONAL

Recortes & Comentários

Preguntamos

que tem que ver a «hora da Redenção que se aproxima» com a «solidariedade» o «concorrer» o «monumentalizando» o «pensar» o «auxiliar» o viu a luz do «Notícias», a realização do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, a erigir em Guimarães?

Pretenderá o «Notícias de Guimarães» fazer acreditar a alguém que lendo «com olhos de ler» (o sublinhado é nosso) os 5 pensamentos que se referem ao monumento se possa deixar de estranhar que se fale nas suas colunas de o acompanhar «até á hora da Redenção que se aproxima»? — êste sem nenhuma ligação com os outros 5 pensamentos.

Ou pretende fazer-nos acreditar que essa «hora da Redenção que se aproxima», e para a qual insiste em pedir o auxilio dos seus leitores, é a da inauguração do Monumento aos Mortos da Grande Guerra?

Destacante

dos outros cinco «pensamentos em itálico distribuídos por entre os vários assuntos...» é o que vem em quarto lugar na 5.^a coluna da 2.^a página. Este pensamento hábilmente distribuído imediatamente ao artigo «à margem...» (a que noutra local damos a merecida resposta) parece completar a resposta que pretendeu dar à nossa pergunta. Mas... porque não foi publicado no texto da resposta pretendida?

Não compreendemos outro motivo além de êste: no texto, que era o seu lugar próprio, não convinha. E não convinha por duas razões: a primeira tirava ocasião da beleza do artigo acima; a segunda servia à ilusão dos leitores, pois lhes afirmava a inofensividade dos pensamentos distribuídos. Isto para os incautos. Para nós não serve esta inofensiva habilidade.

«O Amor à Terra e à Grei»

o que o «Notícias de Guimarães» diz: — «eis o nosso lema» é que aconselha e lhe impõe a pedir aos seus leitores que o acompanhem com o seu auxilio «até á hora da Redenção que se aproxima?» Nós compreendemos que o «Notícias de Guimarães» tenha um grande amor à Terra e à Grei...; concedemos de boa mente que assim seja. Mas então para que gastar 82 linhas de prosa elegante, educadíssima, necessitando tanto do seu preciosissimo espaço para cumprir a sua missão — «... missão... muito mais elevada...» e tão elevada, nobre e digna que «... não pode prender-se com as desvergonhadas gabaruzices de garotos sem educação e impertinentes de maldade» como se afirma exuberantemente o anónimo autor do artigo «A' Margem...» na prosa sua que é autêntica ignomia sem nome?

Festa escolar

Na segunda-feira pretérita, 9 de Março, realizou-se na Sociedade Martins Sarmento, com a presença de todos os professores primários do concelho, a distribuição de prémios às crianças das escolas.

Presidiu o Sr. Dr. José Francisco dos Santos, ilustre presidente da Câmara Municipal do nosso concelho, secretariado pelos Srs. capitão Mário Cardoso, presidente da S. M. S.; António J. Pereira Lima, digno administrador do concelho e professor João Rodrigues Marques, delegado do director escolar do distrito de Braga.

Abrihantou esta solenidade a orquestra vimaranense, que executou primorosos trechos de música.

Abriu a sessão o Sr. capitão Mário Cardoso, que pronunciou o discurso reproduzido na integra, no último número deste jornal. Documento notabilíssimo, atesta o extraordinário esforço da direcção a que Sua Ex.^a dignamente preside.

Acto contínuo, levantou-se o Sr. Dr. José Francisco dos Santos. A assistência recebe-o, com uma expressiva ovação. O seu discurso substancioso e profundo, constituiu uma análise clara ao problema da instrução.

Por último falou o Sr. João Rodrigues Marques, que dissertou largamente, com proficiência e inteligência, sobre a função da escola e a missão do professor.

Todos os oradores foram entusiasticamente aplaudidos.

Em seguida algumas crianças, com a frescura da sua voz a garridice da sua graça, recitaram monólogos, entabularam diálogos e entoaram canções.

Finalmente procedeu-se à distribuição de prémios.

CONDE DE AURORA

E' com desvanecimento e sentido prazer, que anunciamos aos nossos leitores a colaboração para este semanário do escritor nacionalista e ilustre Juiz do Tribunal de Trabalho do Pôrto, Ex.^{mo} Sr. Conde de Aurora.

O seu estilo original, freme de ardor combativo e revolucionário, reflete bem a alma de um nacionalista trespassada de vibrantes anseios de renovação social.

Sente em toda a sua magnitude, a grande batalha corporativa que Salazar comanda.

A sua prometida colaboração representa um triunfo para *O Berço da Grei*.

Pia Associação dos amigos do S. C. de Jesus

Realiza-se amanhã a Missa mensal desta Pia Associação, a qual será em sufrágio do associado falecido, sr. Jerónimo Félix, na Igreja do Carmo.

Alocução proferida pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. José Francisco dos Santos, Presidente da Câmara Municipal, na Festa Escolar de 9-3-1936

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmento,
Ex.^{mas} Senhoras Professoras e Senhores Professores,
Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Com esta sessão, que se vem repetindo há cerca de 50 anos, da Sociedade Martins Sarmento a prova pública de que continua na esteira dos seus fundadores a interessar-se eficazmente pela instrução popular no nosso concelho.

Não será fácil calcular com exactidão, a amplitude deste impulso dado à instrução popular num tam considerável número de anos, mas o que é inegável, pelo grande número de professores e alunos que aqui se apresentam anualmente, é que esta acção é muito profícua e tem um largo e vasto alcance.

Hoje que todos os portugueses de mediana cultura sentem e compreendem a grande necessidade que se impõe de se aplicar remédio eficaz à chaga humilhante do analfabetismo que nos envergonha aos nossos próprios olhos e aos estrangeiros, mal se pode avallar o que a acção da Sociedade Martins Sarmento neste campo representa.

Mas se nos lembrarmos de que ela começou a exercer-se num tempo em que a poucos impressionava a falta das primeiras letras e em que, pelo contrário, muitos entendiam até que ensinar a ler ao povo constituia um malefício, então poderíamos avaliar melhor quanto é digna de louvor, de aplauso e de gratidão a Sociedade Martins Sarmento pela acção benéfica e constante que neste campo tem exercido nos 54 anos da sua valiosa existência.

Quando em Guimarães existia apenas um ou dois professores de primeiras letras, quando nas aldeias do concelho não funcionava provavelmente nenhuma escola, começou esta benemérita colectividade a propugnar pelo direito e pela necessidade que todos os homens têm de aprender a ler. Não o fez, por certo, embalada na doce ilusão romântica de que «abrir uma escola era abrir uma prisão», porque aos trabalhos desta Sociedade presidiu sempre um conhecimento exacto das realidades práticas, mas por entender que, nos tempos modernos, um homem incapaz de comunicar por meio da linguagem escrita com os seus semelhantes, é de certo modo um ser inferior, um membro incompleto da sociedade.

A Sociedade Martins Sarmento não viu ainda raiar o sol sobre um Portugal liberto do cancro do analfabetismo, mas pode orgulhar-se de ter contribuído eficazmente para a abertura do número relativamente avultado de escolas, de postos de ensino e outros estabelecimentos de instrução hoje feliz-

mente existentes no concelho, todos os quais formam na frente que há-de dar batalha decisiva ao grande monstro analfabeto e expulsá-lo de vez deste país.

Nesta campanha tem esta Sociedade desempenhado um papel de reconhecido relêvo. Honra lhe seja.

Mas a Sociedade Martins Sarmento não limita à sua acção ao campo da instrução popular. As suas preocupações vão muito mais longe e são de natureza vária.

Manter o alto prestígio que esta Instituição conquistou no nosso país e no estrangeiro, continuar as tradições de alta cultura e investigação que lhe foram legadas pelo esforço e talento do seu patrono e pela colmeia laboriosa dos seus fundadores é tarefa nobre mas árdua a que têm de votar-se as suas direcções. E'-nos sumamente grato verificar que estas, e dum modo especial a presente, se tem entregado com êxito ao desempenho de tam difícil missão.

Em nome do Município Vimaranense que tenho a honra de representar, apresento com o mais vivo prazer a V. Ex.^a e a todos os Senhores Directores desta Instituição o caloroso aplauso da Câmara de Guimarães à obra que V. Ex.^{as} há quatro anos vêm realizando. Sem alardes, sem procurar dar nas vistas, em silêncio V. Ex.^{as}, têm levado a cabo, gradual e seguramente uma obra que representa na verdade muito esforço, muita inteligência, muita persistência e sobretudo muita dedicação.

Quero agradecer a V. Ex.^a a resenha sumária que acaba de fazer dos trabalhos efectuados e dos que se projecta realizar.

Longe de ser fastidiosa, a inumeração é a meu ver dum interesse flagrante porquanto irá provar a muitos que a Direcção desta casa trabalha e que a Sociedade Martins Sarmento não se reduz a um Museu de cousas mortas.

Pela actividade excepcionalmente produtiva que tem desenvolvido, pela forma como tem sabido honrar a mais prestigiosa Instituição cultural do nosso concelho, são V. Ex.^{as} credores da nossa gratidão e dignos das nossas jubilosas felicitações.

A V. Ex.^{as} Senhoras Professoras e Senhores Professores quero também felicitar e aplaudir pelo interesse que lhes merece a missão a que se entregaram. Vindo aqui V. Ex.^{as} manifestam à evidência o zêlo que põem na função que lhes está confiada de instruir e educar as crianças. Apresento a V. Ex.^{as} os protestos da minha admiração e apreço pela nobre missão de que estão incumbidos pela maneira verdadeiramente benemérita como a desempenham.

Para todas as crianças aqui pre-

Palavras de Fé

Não posso ficar impassível perante certas afirmações lançadas, para que produzam certos efeitos, no ambiente aonde há e vive a esperança de um futuro melhor. Andam de novo acesas as discussões.

Vemos os que se lamentam e discursam, a chorar lágrimas de corcodilo, fingindo compadecer-se dos que nesta hora procuram emancipar-se sem o seu auxílio.

E sempre à mesma hora, no mesmo lugar, nós vemos os mesmos gestos, as mesmas palavras com substituição apenas de um ou outro personagem.

Que querem estes pseudo-revolucionários?

Não é possível que a causa proletária lucre com os estratagemas revolucionários concebidos à mesa dos cafés; não é possível que essas discussões e palavras pomposas, nos tragam qualquer benefício.

Temos de contar connosco.

Porque, o que ninguém ousará contestar ou desmentir é que, sem manifestações de rebeldia — que rebaixam — e sem a oratória balofa dos cafés, nós vamos conseguindo e ganhando as nossas aspirações.

Têm uma acção deletéria êsses centros de cavaco.

E não se poder trasladar estes homens para uma acção proveitosa e útil, atribuindo-se-lhe a cada um o desempenho de qualquer missão!!...

E' neste campo felizmente, que uma minoria apenas, colhe os seus ensinamentos.

Tudo dizem saber, e teimam em não fazer nada!...

Somos sindicalizados e repudiamos Moscovo.

Crismamo-nos ideologicamente e afastamo-nos o mais possível para não incomodar o ruminar dos tiranos Stalinistas.

Somos organizados e não abandonamos nunca o nosso pôsto quando suspeitarmos que alguém tenta desviar-nos do nosso caminho.

Temos confiança na idea.

Temos fé inquebrantável que a Revolução cousumar-se-á e que a sindicalização será por todos compreendida. — M. M.

sentem bem como para todas as que frequentam as escolas do concelho, por estas aqui representadas, vão as minhas saudações muito cordiais. Permita Deus que para todas elas possam os nomes de hoje preparar um futuro risonho e feliz, um futuro livre das preocupações e dos receios que os ódios e as rivalidades, estão provocando na hora presente. E' o nosso mais ardente desejo que as crianças de hoje sejam amanhã melhores homens e melhores do que nós somos e que sejam portanto mais amigos uns dos outros, úteis a si e à Sociedade, numa palavra, mais felizes do que são os homens de hoje.

C O R P O R A T I V I S M O

Um inquérito às classes operárias

Fala o representante do Sindicato dos Curtumes

A indústria dos couros, de origem anterior à própria fundação da Nacionalidade, constitue, pelo aperfeiçoado fabrico dos seus artefactos, um dos mais gloriosos títulos de nobreza do povo de Guimarães.

Os operários da rua de Couros, pela sua dedicação ao trabalho, firmeza de carácter e integridade moral, são dignos de desvelada atenção dos seus patrões e do decisivo patrocínio do Instituto Nacional de Trabalho.

Integrado na nova organização corporativa, surradores e curtidores de Guimarães, possuem já o seu legítimo representante, o Sindicato Nacional, para numa acção absolutamente alheia da política, velar, sem espírito agressivo mas energia e tenacidade, pelos interesses dos seus filiados.

Em prosseguimento do inquérito que encetamos à vida operária vimaranense, cumpria-nos ouvir a classe dos curtumes.

Entre os homens que trabalham na «rua de Couros» estava sobejamente indicado a depor neste inquérito, o sr. Manuel Cardoso, surrador que pela sua inteireza de carácter e espírito de equilíbrio e ponderação, pertence ao escol do operariado vimaranense, que hoje orienta os Sindicatos Nacionais desta terra.

— Houve dificuldades a vencer para a sindicalização da classe?

— A primeira comissão organizada para esse fim, perdeu longo tempo sem dar cumprimento ao seu mandato.

O desânimo invadiu a classe. Foi então, que eu resolvi abalancar-me à formação do Sindicato, com o inabalável propósito de vencer.

E afinal, os trabalhos da minha comissão decorreram bem, e a sindicalização conseguiu-se sem grande dificuldade.

— Questão de método e energia pelo que se depreende.

— Quando foram sancionados pelo Sub-Secretário das Corporações os Estatutos do Sindicato?

— Em 30 de Junho do ano passado.

— Quando iniciaram os seus trabalhos, qual era o problema que exigia imediata solução?

— A cabeça das nossas reivindicações estava e está o cumprimento do horário de trabalho.

— Do que acaba de dizer depreende-se que as «oito horas» são infringidas?

— Infelizmente poucos são os industriais que respeitam o novo horário de trabalho.

Este mal, porém, disse estou convencido, vai ser atalhado.

— Vamos trabalhar neste sentido, sem desfalecimento.

— De que meios se utilizarão para esse fim?

— Em primeiro lugar oficiaremos a todos os patrões, chamando-lhes a atenção para o decreto que estatue as oito horas.

Se desta medida não resultarem as consequências que desejamos, avistar-nos-emos com o nosso patrono, o Sr. Delegado do Instituto Nacional de Trabalho, para o estudo dos meios de repressão que o caso requiere:

— Por que outras reivindicações se batem?

— O Sr. Manuel Cardoso, como quem possui *in mente* o plano de acção sindical esquematizado, apresenta-nos imediatamente o segundo objectivo do Sindicato.

— Queremos que a «tradição», assim se designa entre nós a volta dos couros aos domingos, seja remunerada conforme manda a lei, isto é, vaga pelo dôbro em relação às horas de trabalho semanal.

— Reconheço que a volta dos couros aos domingos é indispensável.

O que não está certo, é que este trabalho seja gratis. A lei é clara nesta matéria.

Trabalho aos domingos deve ser pago pelo dôbro.

Assim está decretado. Além d'êste, registam-se por vezes outros abusos.

Industriais há que só se lembram de mandar os seus operários proceder a descarregamentos, após as horas de trabalho...

— Quais são as outras reivindicações do Sindicato?

— Para já, desejamos o cumprimento do horário de trabalho e que a «tradição» seja regulamentada.

— Só depois de solucionados estes casos, o Sindicato se abalancará a maiores conquistas de ordem social, entre os quais se sobrepõe a formação da caixa de previdência, com as cotizações patronais e operárias.

— Como sabe, todos os anos há períodos de crise na nossa profissão; só a caixa de previdência poderá remediar êste mal, subsidiando os operários sindicalizados nas ocasiões em que o trabalho falte.

Estou convencido que nenhum patrão se recusará a contribuir

para a caixa, pois nenhum industrial quer que os seus operários passem fome.

— Quando iniciam os trabalhos da organização da Caixa de Previdência?

— No fim d'êste ano ou começo do seguinte. Até lá «arrumar a casa», afinando a vida do nosso Sindicato.

— Há desempregados na sua classe?

— Um número reduzido; talvez uns seis.

— O que me diz sôbresa lários?

Apenas os ajudantes de surradores e operários de curtumes que trabalham por dia, estão menos favorecidos.

Os restantes razoáveis.

— Quantos sócios tem o Sindicato?

— 160.

— Os patrões tem pôsto entraves à sindicalização?

— Muito longe disso.

— O próprio cobrador entra nas fábricas, com a aquiescência dos industriais.

Só falta, e esse é o nosso desejo, que os nossos patrões estimulem à sindicalização.

— Resumindo, os desejos do Sindicato cifram-se no cumprimento do horário de trabalho, no pagamento conforme a lei da «tradição», e na criação da Caixa de Previdência.

— São êsses na verdade os nossos fins, — declara-nos o sr. Manuel Cardoso.

— E nós, reconhecendo a justiça das suas pretensões, estamos convencidos de que em breve serão satisfeitas.

— Que mais lhe ocorre digno de registo?

O surrador Manuel Cardoso, sentindo e compreendendo que a conciliação de classes constitue o princípio basilar do Estado Corporativo, não permitiu que esta entrevista se encerrasse, sem estas categóricas afirmações.

— Desejo que patrões e operários constituam uma só família, para que não existam ódios, como noutros tempos, que tam profundamente rebaixaram a nossa dignidade de trabalhadores.

Queremos, nós, os homens dos Sindicatos, a paz social firmada na harmonia entre patrões e operários.

Estas expressivas declarações, denunciadoras da nova mentalidade operária, encerram, com chave de ouro, esta entrevista com Manuel Cardoso, elemento de prestígio entre os trabalhadores de couros de Guimarães.

Sindicato N. dos Manipuladores de Pão do Distrito de Braga

(Secção de Guimarães)

No primeiro do mês corrente, reuniu a direcção d'êste organismo corporativo.

Tomou conhecimento de um atestado médico enviado pelo associado n.º 13, Sebastião Machado, em que justifica a sua doença.

Foi resolvido comunicar à Comissão de Doentes, para que faça a respectiva visita.

Autorizou o tesoureiro a entregar-lhe o subsídio de 70\$00.

O Presidente informou os seus colegas do grande número de homens que a esta secção se dirigiram e que se declararam profissionais da indústria de padaria, pedindo a sindicalização.

Como na lista dos desempregados ainda se encontram alguns inscritos, foi resolvido não passar cartões profissionais a ninguém.

Para estudar êste assunto junto do Ex.º Sr. Dr. Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, foi autorizado o presidente a deslocar-se a Braga.

Sindicato N. dos O. Têxteis

Realizou-se no passado sabado uma sessão ordinária, presidida pelo seu presidente sr. António Leiras.

Tomou conhecimento de todo o expediente e resolveu em seguida officiar à Delegação em Braga do Instituto N. de Trabalho e Previdência, para que Sua Ex.ª o sr. Delegado recuse isenção do horário de trabalho ao sr. José da Silva Nunes, gerente da firma Vergílio da Silva Areias, fábrica de tecidos na freguesia de Requião, Famalicão; assim como aos srs. Albino Ribeiro, mestre afinador, Amadeu Carvalho, encarregado de acabamentos, Manuel Vilas Boas, José Maria Barbosa e António de Oliveira, dando como base principal destas negações de isenções requeridas, o facto dos operários das duas firmas, não serem sócios d'êste Sindicato.

Tomou em seguida conhecimento de uma circular enviada pelo sr. dr. Delegado do I. N. T., comunicando que o Sub-Secretário do Estado das Corporações aprovou as contas d'êste organismo, relativas ao ano económico de 1935.

Apreciou um officio enviado pela Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, alegando que a causa de transgressão do ho-

Alguns apontamentos sobre o Corporativismo em Portugal

III

É temos entrado, propriamente no assunto dêste nosso rápido estudo.

Não há, no dizer de muitos e reputados autores vestígios de corporações em Portugal, antes do século XV. Alguns mesmo querem que seja a Casa dos 24, fundada em 1422 a primeira afirmação de organização corporativista.

No entanto é ponto assente que já nos reinados de D. Diniz, D. Afonso IV e D. Fernando se encontram determinações legais no sentido de se defender os interesses dos que trabalham.

Em 1308, segundo conta Frei Manuel da Esperança na História Seráfica, mais de quinze tanoeiros se quiseram arruar com suas tendas e casas. Era o despertar da tendência corporativa. Mais tarde, em 1351, a Câmara do Pôrto concedeu várias prerrogativas aos oficiais mecânicos que quisessem vir morar para a cidade, mas pagando sôlido como vizinhos.

De resto, em 5 de Junho de 1351 ordenava-se que os vários officios se arrumassem por ruas, determinação que era arquivada em carta régia que se guarda no Livro dos Pregos, do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa.

Fazia-se isto «para que pelo arruamento dos officios mecânicos se desse bom regimento e maior formosura à cidade e para que os almotacés das execuções pudessem mais facilmente fiscalizar os artefactos expostos à venda e verificar se eram feitos como deviam a bem da reputação dos artigos e dos interesses do povo».

Dêste modo havia as ruas dos Cordoeiros, dos Correeiros, dos Sapateiros, dos Douradores, dos Ferreiros, dos Pescadores, dos Algibebes, dos Remolares dos Fanqueiros, designações estas que ainda se encontram em algumas das artérias da nossa capital.

Era proibido aos officiais dos

vários officios morar noutras ruas que não fôsem as destinadas à sua profissão. Ainda em 5 de Novembro de 1260 um decreto real prescrevia o arruamento dos officios entre as ruas abertas entre o Terreiro do Paço e o Rossio.

Na compilação das leis das Côrtes de Evora, celebradas no reinado de D. João I há referências a factos anteriores pelas quais se verifica que os officios e misteres eram exercidos livremente, estando perfeitamente organizados com seus salários estabelecidos, mestres e aprendizes e tendo mesmo direito a vários privilégios.

E Esteves Pereira, dando conta do que era a situação no nosso operariado em tempo do Rei D. Diniz, assevera:

«O milagre dos salários pago em rosas, pela Rainha Santa, aos officiais mecânicos que trabalhavam no convento de Santa Clara e cuja lembrança suavemente poetica a tradição conservou até hoje, dá-nos um indício importante sôbre a livre condição do nosso operariado naquela época.»

Pelas Ordenações Afonsinas, consideradas como lei geral dos officios pode concluir-se que muito antes de D. João I já os operários tinham regalias e disputavam certos privilégios.

Reinando o Mestre de Aviz sabe-se que os operários que trabalhavam no convento do Carmo chegaram a ganhar dez reais, os officiais treze e os mestres trinta. E os serventes ganhavam bem para dois e meio alqueires de trigo que então valiam cinco réis cada um.

O descanso semanal obrigatório, é também regalia muito antiga. Foi em 1401 que a Câmara Municipal do Pôrto determinou que os mestres da mesma cidade não fizessem obra alguma, «desde o sábado ao sol pôsto, até segunda-feira sol saído».

OSCAR PAXECO.

rário de trabalho, filia-se na avária da energia eléctrica.

Por êsse motivo, foi obrigada a descontar no fim do dia, o tempo perdido. Pelo mesmo motivo foi apreciada uma exposição feita pela Empresa Fiandeira de Lordêlo Limitada, confirmada com um officio-esclarecimento da Companhia Hidro-Eléctrica do Varosa, em que afirma ser verdade no dia 25 do passado mês, ter havido uma certa interrupção na linha que alimenta a referida fábrica,

Tomou também conhecimento de uma queixa apresentada neste sindicato, que a Fábrica de Tecelagem da Cruz de Pedra Limitada faz desconto a certos operários para o fundo do desemprego de 4 p. c. em cada fêria semanal.

Por final discutiu-se sôbre algumas causas de interesse a êste organismo, tendo ficado resolvido que as próximas reuniões da direcção sejam realizadas às terças-feiras, à mesma hora.

HOMILIAS DUM LEIGO

MANDAMENTO NOVO

A grande novidade que o Cristianismo trouxe ao mundo foi o preceito do amor entre os homens: «Dou-vos um novo mandamento: Que vos ameis uns aos outros, e assim que como eu vos amei, vos ameis também uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros». (S. João, XIII, 34 e 35).

Esta doutrina de amor nunca tinha sido proclamada nem por qualquer filósofo pagão nem sequer pelos profetas da antiga lei. Como é sabido, a vingança era permitida pela moral judaica que a consagrava no conhecido versículo «olho por olho, dente por dente».

Não é de admirar, pois, que entre os pagãos imperassem os ódios, as rivalidades e as vinganças. E' de admirar, sim, que o mesmo aconteça nas sociedades que se dizem cristãs e que na realidade se mostram inimigas de Cristo.

A prêgação dos apóstolos dirigiu-se duma maneira especial contra êstes vícios pagãos. Ouçamos S. Paulo, por exemplo: «Ainda que eu falasse as linguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como um bronze que soa, ou como um símbolo que tine... A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não é temerária; não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre» (Corintios, XIII, 1 a 7).

Quantos cristãos estão ainda longe de praticarem a caridade como S. Paulo a recomenda! Muitos há ainda, infelizmente, que não só folgam com o mal dos outros mas até o desejam, muitos que nada desculpam, nada sofrem e muito poucos que não buscam os seus próprios interesses.

E' por isso que os verdadeiros discípulos de Cristo são mal julgados e a própria Igreja é muitas vezes perseguida. Os culpados são só aqueles que, dizendo-se cristãos, procedem, neste assunto, como se fôsem pagãos.

LEIGO.

NÃO DIGA ASSIM... DIGA ANTES...

Imediatamente

No penúltimo número do nosso jornal, lia-se ao fundo da coluna central da segunda página:

«... realiza-se na quarta-feira, imediatamente antes das missas, a simbólica cerimónia...»

Houve quem reparasse naquele *imediatamente antes* e o classificasse de erro grave, mas sem razão nenhuma absolutamente.

E' certo que muitos entendem que *imediatamente* equivaile a *logo depois, logo a seguir*, e casos há, e muito frequentes, em que o sentido nada sofre com essa interpretação. Se dissermos: «Recebi um telegrama urgente e parti imediatamente», queremos significar que a partida se realizou logo depois da chegada do telegrama. «Saia imediatamente» quer dizer «saia já», «saia logo a seguir a esta ordem», e poderíamos multiplicar os exemplos indefinidamente.

Mas isso não significa que seja essa a verdadeira e única significação de *imediatamente*. O significado etimológico da palavra é *de modo imediato*; e *imediato* é: *próximo, contíguo, que não tem nada de permêio* (Cândido de Figueiredo); *que é ou se faz sem intermediário* (Torrinha); *pegado, unido com outro* (Moraes); e finalmente *que precede ou segue sem intermediário, precedente ou subsequente na série, sem outro de permêio* (Larousse e Prático Ilustrado). Donde se conclui que a verdadeira significação de *imediatamente* é: *sem intermêdio, sem que qualquer facto se meta de permêio, sem que nada medeie entre os factos referidos*.

Sendo assim, tanto se justifica a expressão *imediatamente antes* como *imediatamente depois*, bem como *imediatamente acima*, *imediatamente abaixo*, *imediatamente superior*, *imediatamente inferior* e outras da mesma natureza.

Digam, pois, à vontade, *imediatamente antes* que não cometem erro nenhum.

J. S.

A Rússia ao léu

A situação do operariado russo

Da *Seara Nova*, iniciamos hoje a transcrição de um elucidativo artigo, subordinado à epígrafe acima, assinado pelo polemista e escritor Raúl Proença, nome insuspeito do jornalismo português:

«A verdade nua e crua é que o horário de trabalho é, em geral, excessivo.

Mesmo na idade infantil!

Na província de Valdimir, crianças de 9 a 10 anos, trabalham 15 a 16 horas por dia; na Carélia 130.000 pequenitos trabalham de 10 a 18 horas diárias.

Por um lado, pois, os que trabalham demasiado; por outro, os que não têm trabalho.

Estes atingiam 4 a 5 milhões nas cidades e 15 a 25 nos campos.

Imagina-se dificilmente no Ocidente a miséria indescritível destes milhões de seres humanos.

Na Geórgia os trabalhadores da exploração de madeiras trabalham 12 horas por dia em terrenos encharcados e não conhecem nenhum serviço sanitário.

Nas minas da Sibéria, recrutam-se operários sem lhes assegurar o fornecimento de pão, víveres, alojamentos, instrumentos de trabalho; os trabalhadores, extenuados, fogem, mas a milícia tira-lhes as botas, por um frio de 40°, para os impedirem de desertar.

E' difícil a proletários de países capitalistas acreditar na possibilidade de semelhantes cousas, isto sem falar na taboleta socialista do Estado que conhece tais horrores.

Como pode viver essa massa oprimida?

Ela empilha-se em habitações sem ar, sem luz, insalubres, desprovidas dos meios mais elementares de limpeza e de higiene.

O mau cheiro empeçonha a atmosfera.

Quartos há onde dormem 9 ou 10 indivíduos; dorme-se no chão; o ar, opaco, abafa; não há ventilação. Muitos não têm colchão e dormem vestidos.

Em certo sítio, uma operária com três filhos ocupa uma sentina de três archinas quadradas.

Muitos operários vivem em teieiros, em subterrâneos. Em K. vivem 70 pessoas por compartimento.

Nos abarracamentos de Dargom há um lavatório para 200 homens.

Em virtude dos processos inferiores de construção, as casas novas que se constroem não tardam a desfazer-se. Os exemplos que sobre este ponto cita o autor da Apresentação dos Haides encheriam mais dum número desta revista. «Tal é a sorte, não de algumas categorias de trabalhadores desfavorecidos,

DO CONCELHO

Caldas das Taipas

Foi muito solene e muito concorrida a conclusão duma série de conferências doutrinárias, que se dignou vir fazer na igreja paroquial das Taipas o rev.^{mo} sr. Abade José António Dias, da Póvoa de Lanhoso.

Principalmente as conferências da noite, aos homens, foram extraordinariamente frequentadas e ouvidas com atenção profunda.

Duma à outra, aumentava sempre o auditório.

No sábado à noite, realizou-se uma hora solene de adoração, pregando o mesmo orador.

Foi uma edificante vigília, não comportando o templo maior número de fiéis.

No domingo, houve na igreja paroquial um movimento contínuo, uma actividade religiosa incessante, sempre muitíssima gente a rezar, a cantar, em fervorosa devoção que empolgava as almas.

Ao fim da tarde, foi a conclusão festiva, pregando o rev.^{mo} Abade sr. José Dias.

A igreja encontrava-se repleta de fiéis, como nunca. Muitos mais desejaram assistir ao acto culminante, mas retiraram por falta de lugar.

A muitas pessoas ouvimos que todos os confessos quaresmais deviam ter a preparação que teve o das Taipas, para que as almas fôsem aos sacramentos com a disposição conveniente.

— Continua retido em casa, por motivo de doença, o nosso querido amigo sr. António Lourenço Júnior,

mas de imensa maioria, na primeira República do mundo que se reclama de socialista. E' por milhões que seres humanos, precisamente os que tudo criam pelo seu trabalho, são alojados em infames pardieiros dignos da Idade Média ou abandonados aos acasos da vida, ao ar livre e das intempéries... Os que espalham a lenda soviética não viram isto. Deixaram-se agradavelmente passear em alguns palácios e vilas habitadas por algumas dezenas, algumas centenas de operários de elite. Mas as estrebarias em que se espojam multidões e em que um campónio europeu evoluído não se dignaria meter os seus porcos, essas não as observaram eles.»

Isso prova, mais uma vez, que se constitui no país soviético uma categoria de trabalhadores privilegiados, enquanto a grande maioria dispõe apenas dum alojamento das «dimensões dum ataúde».

O vestuário e alimentação erguem-se ao mesmo nível.

O operário russo não tem mais, em geral, do que os farrapos que traz consigo.»

a quem desejamos sinceramente se restabeleça e fortifique.

— Vítima da tuberculose, faleceu, com 18 anos, Sidónio Gomes Murteira.

Pertencia ao Sindicato Nacional de Garfeiros de Sande.

— Para a Póvoa de Lanhoso, tendo aqui deixado as mais vivas impressões, retirou o nosso muito querido amigo sr. Padre José António Dias, digníssimo pároco daquela vila, que é ao mesmo tempo activo presidente da Câmara e desvelado Provedor do Hospital. — C.

Ronfe, 3

Casa do Povo

No dia 8 do p. p. Fevereiro reuniram-se em assembleia extraordinária os membros da Casa do Povo desta freguesia, a fim de assistirem à posse da nova direcção que ficou assim constituída:

Assembleia Geral — Presidente, o sr. José de O. Pinto e vice-presidente o sr. José Lopes Cardoso.

Direcção — Presidente, Júlio Martins Fernandes; tesoureiro, António Folhadela M. Moreira e secretário David de Sousa Lôbo.

Por iniciativa do novo presidente, e, com aplauso geral de todos os sócios foi eleito presidente honorário, o sr. António Teixeira de Melo, importante industrial desta freguesia.

E' um acto de justiça e merecida homenagem que a Casa do Povo acaba de prestar a quem sempre lhe dispensou uma desvelada protecção, sacrificando por vezes uma boa parte do seu tempo, as suas forças e até a sua bolsa.

No entanto, estamos certos de que o sr. Teixeira de Melo que, por inúmeros afazeres, deixa a presidência da Casa do Povo, continuará sempre a amá-la, protegê-la e fortalecê-la com a sua valiosa cooperação.

Muito há a esperar da nova gerência de que fazem parte membros competentíssimos, entre os quais, sem agravo para os demais, devo destacar o sr. Oliveira Pinto, por causa da sua longa prática do corporativismo.

Os restantes membros estão animados da melhor vontade a trabalhar dedicadamente pelo engrandecimento de tam bela instituição.

Secundemos todos os seus esforços. E numa acção unida e persistente trabalhem todos, para que a Casa do Povo de Ronfe atinja em pouco tempo o máximo desenvolvimento e veja realizados os fins tam nobres, que se propôs: instruir, educar e formar os seus membros e levar aos lares batidos pela miséria e pela fome o conforto material de que necessitam.

Trabalhar pela Casa do Povo, é trabalhar pelo bem e pelo progresso desta freguesia.

— Encontra-se já restabelecida

Recortes & Comentários

Emquanto aguardamos

a sua resposta, dir-lhe-hemos que não somos delatores, nem chamamos pela policia. Quisemos tam somente saber e até agora só sabemos que o *Noticias de Guimarães* compreendeu a nossa pergunta e porque a compreendeu não nos satisfiz o pedido que lhe fizemos.

Pois foi pena. Nós lançamo-lhe uma ocasião de ser claro e terminante. Não quis aproveitá-la. Preferiu insistir; e como insistiu, compreendeu do muito bem o que escrevemos, vamos novamente à pergunta que aqui deixamos feita, e na sua resposta não use de ambiguidades como esta: «a *Redenção* que manhosamente alude não está na doutrina do *Noticias*».

Seja claro!

Não nos atemorizam insultos com que pretende atingir-nos; não ficamos presos a estiradas declarações. Queremos saber claramente, inofensivamente para que *Redenção* quer o *Noticias de Guimarães* a companhia e o auxilio dos seus leitores.

Para a do Monumento não é! Para a de «O amor à Terra é a Grei — eis o nosso lema» também não nos parece que seja necessário a companhia e o auxilio dos leitores do *Noticias de Guimarães* pela razão simplíssima de que se os seus leitores são bons e leais portugueses, como crêmos, bastalhes-á cumprirem os seus deveres patrióticos, entre os quais um dos primeiros e mais graves defenderem-se de doutrinas e propagandas habilidosamente encobertas.

Não! A missão de defender a Terra e a Grei é tam elavada que é bem brilhante e clara. Por isso mesmo deve ser feita a defesa da Terra e da Grei com outros processos que não os usados pelo *Noticias de Guimarães*.

Engenheiro João de Brito e Costa

Colaborará brevemente no nosso jornal o distinto engenheiro sr. João de Brito e Cunha, nacionalista de sempre e antigo redactor principal de *A Palavra*.

Ao novo colaborador, que nos meios cultos da cidade Invicta goza de justificado prestígio, os nossos agradecimentos.

a sr.^a D. Arilea do Céu Pimente, professora desta freguesia, a quem um ataque de gripe retinha no leito há algumas semanas.

— Tem estado doente o chefe do grupo escuta desta freguesia.

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

PEDIBOLA

Vitória 6 — Oliveirense 0

Em prosseguimento do campeonato da II Liga, realizou-se no passado domingo, o encontro Vitória-Oliveirense.

O Vitória demonstrou em toda a partida larga superioridade.

A linha de médios, atenta e construtiva, constituiu um sector valoroso.

Na frente sobressaíram Bravo e Jesus, que souberam comandar os dianteiros com acerto e fogaosidade.

Os visitantes, apesar de inferiores, tiveram a distingui-los, a réplica enérgica, organizada sempre que se proporcionou ensejo.

João Jesus marcou 3 «goals» e Clemente igual número.

A arbitragem, com ligeiras deficiências, é certo, mas de todo imparcial.

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Alcateia n.º 4 (D. Afonso Henriques). — A formatura amanhã será pelas 7,45 horas.

Todos os lobitos devem comparecer uniformizados.

Grupo n.º 4 (S. Dâmaso). — Amanhã a formatura será às 7,45 horas, para se assistir à Santa Missa.

No passado domingo reuniu o Conselho de Guias sendo resolvido dar-se início a um concurso Inter-Patruilhas sobre a Pontualidade e Assiduidade.

Santa C. de Misericórdia de Guimarães

Movimento hospitalar no mês de Janeiro de 1936

Hospital Geral de Santo António

Consultas no banco, 584; receitas abonadas a doentes externos, 388; parturientes recolhidas, 10; crianças nascidas, 12; sendo 8 do sexo masculino e 4 do sexo feminino.

Doentes existentes no último dia do mês de Dezembro de 1935, 73; doentes entrados durante o mês, 135; doentes saídos: curados, 69; melhorados, 21; no mesmo estado, 10; falecidos, 17. Ficaram existindo no último dia do mês de Janeiro, 91.

Banhos dados no balneário, 122; operações de grande e pequena cirurgia, 67; curativos feitos no banco, 1.549; injecções aplicadas, 1.764; applicações eléctricas, 359.

Hospital António Francisco Guimarães, em Vizela

Consultas no banco, 13; doentes existentes no último dia do mês de Dezembro de 1935, 17; doentes entrados durante o mês, 1; saídos: curados, 1; melhorados 1; falecidos, 1. Ficaram existindo no último dia do mês de Janeiro, 15.

Curativos feitos no banco, 258; injecções applicadas, 12.

Secretaria Judicial de Guimarães

ANUNCIO

1.ª Publicação

Por deliberação dos interessados no inventário orfanológico a que se procedeu por óbito de Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, morador que foi nesta cidade, e em que foi inventariante a viúva que do mesmo ficou, D. Elvira Leão da Cruz Costa, desta cidade, há-de proceder-se, no dia 5 próximo mês de Abril, à arrematação, nos locais e horas adiante designados, dos seguintes bens, que serão entregues a quem maior lance oferecer acima dos valores por que vão à praça:

No Tribunal Judicial, às 14 horas:

Uma morada de casas de dois andares, situada com os números de policia 20 e 22, na Rua Camões, da freguesia de S. Sebastião, desta cidade, descrita na conservatória sob o n.º 64, do L.º B-1.º. Vai à praça pela quantia de 5:000\$00.

Uma morada de casas com os números de policia 21, 23 e 25, sita na Rua 31 de Janeiro, desta cidade, freguesia de S. Paio, descrita na conservatória sob os n.ºs 12:295 e 7:821, sendo êste a repetição do n.º 434; o quintal dêste prédio tem servidão de bois e carro que do mesmo quintal dá para a rua de Paio Galvão e Praça do Mercado. Vai à praça pela quantia de 50:000\$00.

O Casal do Miógo, com todas as suas pertenças, situado nas freguesias de S. João de Ponte e Vila Nova de Sande, desta comarca, e que se compõe das seguintes glebas:

O Assento do casal do Miógo, que se compõe de casas térreas, para caseiro, eido, eira térrea e ladrilhada e casas para senhorio, quintal, campo da Vinha, campo de Cima e o Campinho, descrito na conservatória sob o n.º 24:116.

Campo da Vessada do

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus estimados clientes como sempre os seguintes horários:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partidas de Guimarães
8 h., 12,30 e 18,15

Partidas do Pôrto
8 h., 10,15 e 17

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães
7,30 h.

Partida da Póvoa
17,30 h.

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partidas de Guimarães
7,35 h., 12 e 19

Partidas de Pevidem
8 h., 12,30 e 19,30

Outeiro, hoje do Lameiro, o Tojal ou Bouça do Pinheiral e Leira da Cachada da Vega, descrito na conservatória sob o n.º 24:419.

A Deveza de Fora das Portas, denominada do Miógo, descrita na conservatória sob o n.º 24:420.

Sorte de mato com carvalhos e sobreiros, atravessada por dois caminhos, descrita na conservatória sob o n.º 24:421.

Campo das Bouças, tendo ao norte um pequeno terreno de mato e ao sul uma junqueira, descrito na conservatória sob o n.º 24:422.

Propriedade chamada da Deveza, com casas térreas, terrenos de horta e Campo da Deveza, descrita na conservatória sob o n.º 24:423.

Estas glebas situadas na freguesia de S. João de Ponte.

Bouça de mato denominada dos Borregos ou dos Borrecos, situada na freguesia de Vila Nova de Sande, com eucaliptos, pinheiros e carvalhos e ao nascente uma casa térrea de pedra e cal e telhada, com um terreno de horta. Está descrita sob o n.º 26:665.

Este casal do Miógo vai à praça pela quantia de 120:000\$00.

A porta da Garage Avenida, na Avenida Cândido

dos Reis, desta cidade, pelas 15 horas:

Um automóvel Fiat, com o n.º 536-N; — vai à praça pela quantia de 5:000\$00.

Um automóvel Ansaldo, com o n.º 3:278-N; — vai à praça pela quantia de 1:000\$00.

No lugar do Miógo, freguesia de S. João de Ponte, desta comarca, pelas 16 horas:

Diversos móveis que guarnecem a casa de senhorio do Casal do Miógo, que irão à praça por metade do valor da avaliação.

A sisa fica a cargo do arrematante, pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Guimarães, 9 de Março de 1936.

O chefe da 3.ª secção,

Luiz Candido Lopes.

Verifiquei:

O substituto do Juiz de Direito.

Araújo Abreu.

QUINTAS

Vendem-se as quintas de Frijão e Souto de Ribas, sitas na freguesia de Corvite, do concelho de Guimarães.

Tem casa boa de senhorio, terrenos de cultura e de mato.

Trata o solicitador Augusto Silva.